





PELIKULA PHOTO ALBUM 2017

Nº 5 - Edição Anual (em papel e online)

Conselho Técnico: Luís Ferreirinha, Filipe Carneiro, Mário Esteves, Zeca Neto

Princípio Editorial: "fotografia em cru" - este é o conceito que a revista procura; um pequeno acerto de pós-produção é aceitável.

Convite:

Os apaixonados pela fotografía que pretendam publicar nesta revista poderão enviar as suas fotografías ou artigos de texto até ao dia 15 Dezembro 2017 para o mail pelikularevista@yahoo.com

Pede-se um mínimo de 2000 pixeis no lado pequeno da foto.

Assume-se que os trabalhos enviados são de autoria legítima e de carácter gratuito. Admite-se também que os autores permitem o ajuste necessário para uma melhor composição gráfica da revista e que obtiveram a respectiva autorização dos modelos fotografados.

Revista Online: www.issuu.com/pelikularevista

Mail: pelikularevista@yahoo.com

Comprar a revista em papel (a preço de custo): www.blurb.com

Tema central: "DESPORTO"

Tema do próximo número: "NATUREZA"

Fotografia da capa: O Vitor Tripologos

Apoios: Ordem dos Médicos - Região Norte | FNAC Mar Shopping

Fotógrafos:

Acúrcio Moniz | Adelino Marques | Alfredo Tomás | Ana Rita Lopes | António Gonçalves | António Pereira | Carla Dias | Carlos Tiza | Cecília Teixeira Pinto | Celso Rocha | Dânia Marques | Daniel Rocha | Estêvão Lafuente | Eugénio Fonseca | Filipa Rodrigues | Filipe Carneiro | Francisco Nicolau | Helder António | Inês Carneiro | Inês Couto | Isabel Costa Pinto | Joana Teixeira | João Coutinho | Jorge Malafaia | Jorge Reis | José Loureiro | José Peralta | José Vaz Silva | Luís Ferreirinha | Luís Raposo | Magda Reis | Manuel Varzim | Maria Adelaide Araújo | Maria Antónia Ribeiro | Maria Luísa Malheiro | Mário Esteves | Miguel Guerra | Nelson Santos | Nuno João | Octávio Carneiro | Paulo Pereira | Rita Moniz | Salomé Carvalho | Santa Comba | Sérgio Pereira | Teresa Ricca | Vitor Tripologos | Zeca Neto |

AZUL

estou à beira de um erro habitual habito o Azul na beira da palavra

aqui estou eu e este mistério Azul e se me escolhesse seria Azul dentro, toda dentro da palavra

nem os poemas são palavras do que somos

resta Azul





UM PORTO FERRENHO

A revolução industrial pintava um novo cenário: colunas de fumo que rompiam a paisagem tingiam o tom claro do granito, com carvão negro que se fixava na rocha. As borboletas brancas, que por hábito se camuflavam no branco da pedra granítica, ficavam então expostas. Era como se uma mancha negra se apoderasse do grande Porto e anunciasse a vinda da maguinaria, das fábricas, dos caminhos-de-ferro!

O povo que das ruelas fazia a sua casa; que do rio e do mar fazia o seu esforço; as redes piscatórias que, assim como os homens, se faziam ao mar; os tanques de pedra que na sua firmeza moldavam as mãos das mulheres; os mercados que apelavam aos gritos e às multidões; as muralhas graníticas obstinadas e firmes, como as pessoas, são saudadas pelo ferro. Uma inovação que se integra num espírito conservador e essencialmente "tripeiro".

As chaminés já se começavam a avistar dos pontos mais altos da cidade e o som dos trabalhos de construção predominava. Os andaimes que se mostravam com mais frequência indicavam novos projectos, novas ideias. Do alto das muralhas do Porto, a cena era calmamente observada. Os olhos daquele rapaz seguiam a direcção dos sons que lhe chegavam aos ouvidos. Nico apreciava fitar a actividade da cidade por entre as colunas de pedra. Achava poesia naquele lugar. Lá ecoavam as vozes e os ruídos que provinham das vidas que circulavam muito abaixo de onde ele se encontrava. Sentia que o tempo abrandava e o acompanhava nos pensamentos que o visitavam. Nico tinha especial prazer em reflectir sobre a história que cada casa, encaixada nas encostas íngremes das margens do Douro, abrigava. Era um mistério, separado por um rio, que lhe tentava, sem qualquer razão lógica, a curiosidade. Na verdade, havia vários mistérios que o fascinavam e não apresentavam, porém, um motivo interessante (pelo menos aos olhos dos outros) que os levassem a ser pensados. Contudo, Nico não se preocupava com "razões lógicas" ou "motivos". Os seus treze anos de idade ainda não tinham espaço para preocupações dessa natureza.

O dia era jovem e as sombras que se projectavam sobre o chão eram bastante longas e esguias. Nico habitualmente presenciava a alvorada e a névoa, que se estendia sobre o rio, no alto da muralha de pedra. Gostava de assistir à rotineira madrugada do Porto: os pescadores deslocavam-se para as margens e iniciavam a sua descida pelas rochas escorregadias, cobertas de lodo; o mercado abria as portas; as saudações de um "bom dia" multiplicavam-se e o som de uma cidade desperta instalava-se no ar. O clima mantinha-se húmido e fresco durante algum tempo e isso repercutia-se no espírito de Nico. Tornava-o mais leve, mais puro.

Notava-se uma maior agitação entre as margens do rio Douro. Barcos que se apressavam a transportar andaimes, vigas de ferro que pendulavam e se elevavam no ar, ferros que percutiam, poeira que esvoaçava, braços que puxavam, suores que escorriam, ordens que se gritavam. E Nico estava bem ciente do que realmente se passava. Sabia que decorria a construção de uma ponte metálica assente num arco metálico, dado que o seu pai era um dos operários da fábrica responsável pela produção e fornecimento do ferro. Mas o alvoroço que se gerava na obra diante de si era doloroso para ele. Sentia arrepios gelados quando mais um par de vigas se juntava e o vento áspero soprava por entre a teia de ferro que gradualmente se ia compondo.

Embora a muralha e a ponte em construção fossem extremamente próximas, Nico achava naquele refúgio granítico uma serenidade ímpar. As colunas de pedra, que fazem o recorte dentado da muralha, filtravam os sons agudos e intensos do metal, apenas abrindo entrada à música que o rapaz tanto prezava: o eco da sua cidade. No entanto, por vezes não conseguia ser totalmente imparcial a toda a actividade que se desenrolava mesmo ao seu lado. A tempestade de emoções que o assaltavam, mal se tornava permeável às sensações que a ponte suscitava, aviva-lhe a melancolia que a sua vida adquirira com o episódio que o pai vivenciou. Uma angústia alimentava-se da mãe do rapaz e consumia-a progressivamente, desde que o marido perdera a visão, enquanto trabalhava. Vapores e óleo a altas temperaturas atingiram-lhe os olhos, queimando – lhe por completo a córnea. A cegueira era inevitável. Sentir e imaginar a situação do próprio pai era imensamente desgostoso. Receava que o pai perdesse, para além da luz que jamais a recuperaria, uma vida aliada a prazeres, alegrias e sabores! E, por isso, revoltava-se perante aquela mancha negra de fumo que invadia gradualmente a sua cidade! O seu olhar escurecia a cada ordem ditada por um superior, a cada parafuso que enroscava! Atormentava-o a respiração forte das máquinas, os vapores ejetados, o perfume do óleo, a dureza e a inflexibilidade daquele estranho – o ferro que acabara de chegar com a revolução industrial e que privou da luz um homem humilde e acima de tudo humano! Mas o espírito conservador das raízes, do território daquele rapaz é igualmente inflexível e intransigente. Tal como as muralhas, que em tempos abrigaram a cidade, também é inabalável o perfil daquele jovem, que alimentava a revolta contra o trabalho compulsivo e mísero que esperava diariamente os operários industriais. É interessante a forma de como aquele metal rígido se aproximava do caráter intransigente de Nico e, porém, se mantinham bem distintos um do outro. É mais um mistério, separado por um rio de incógnitas que oc

O dia ainda era jovem e as sombras que se projectavam sobre o chão eram bastante longas e esguias. Lá do alto, Nico observava o Porto, a sua cidade, e reflectia qual seria a última imagem que o pai recordaria dele...

Octávio Carneiro





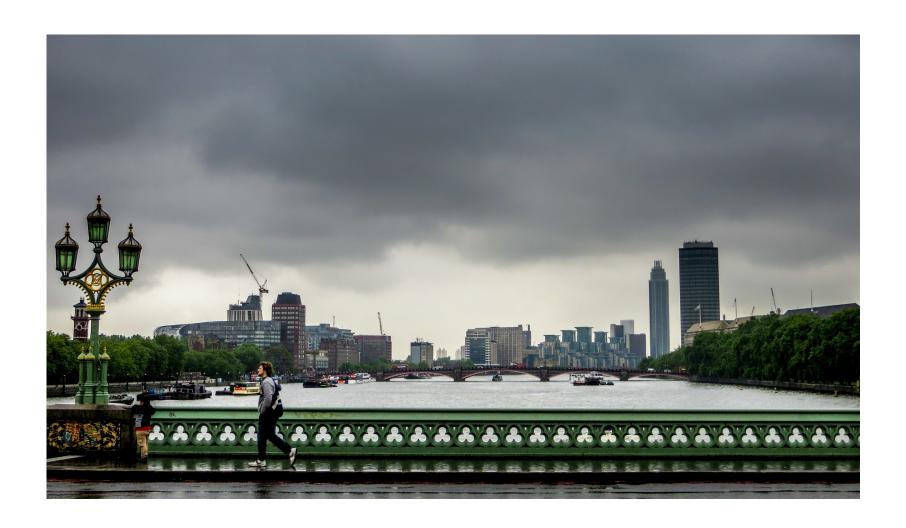






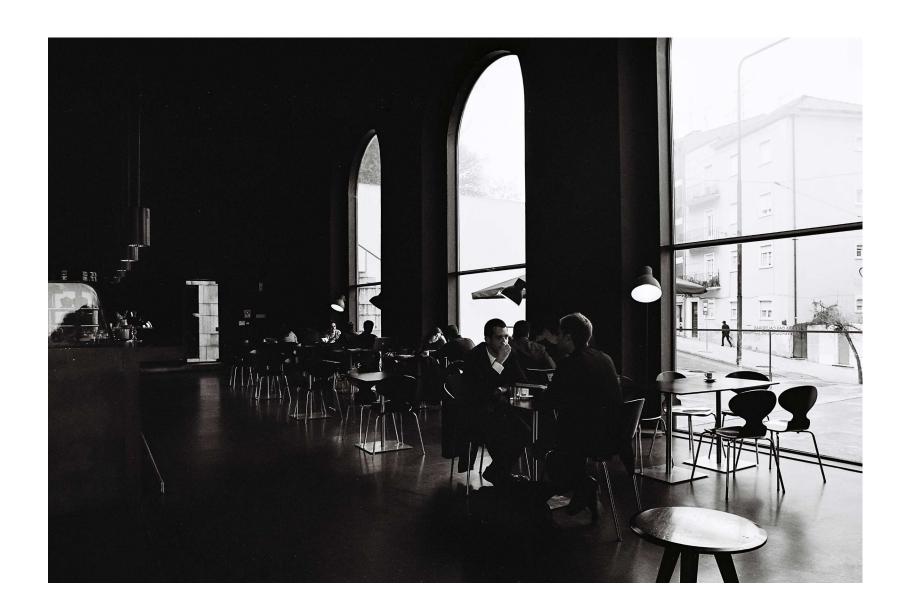


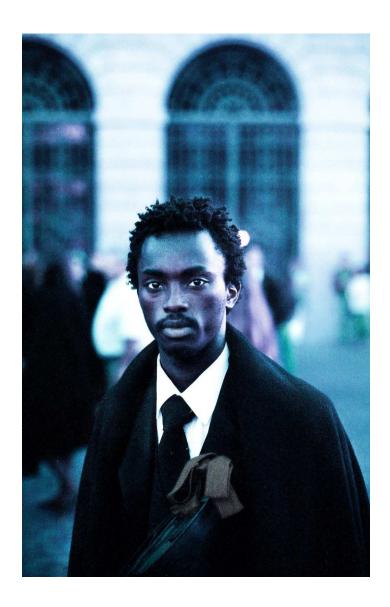


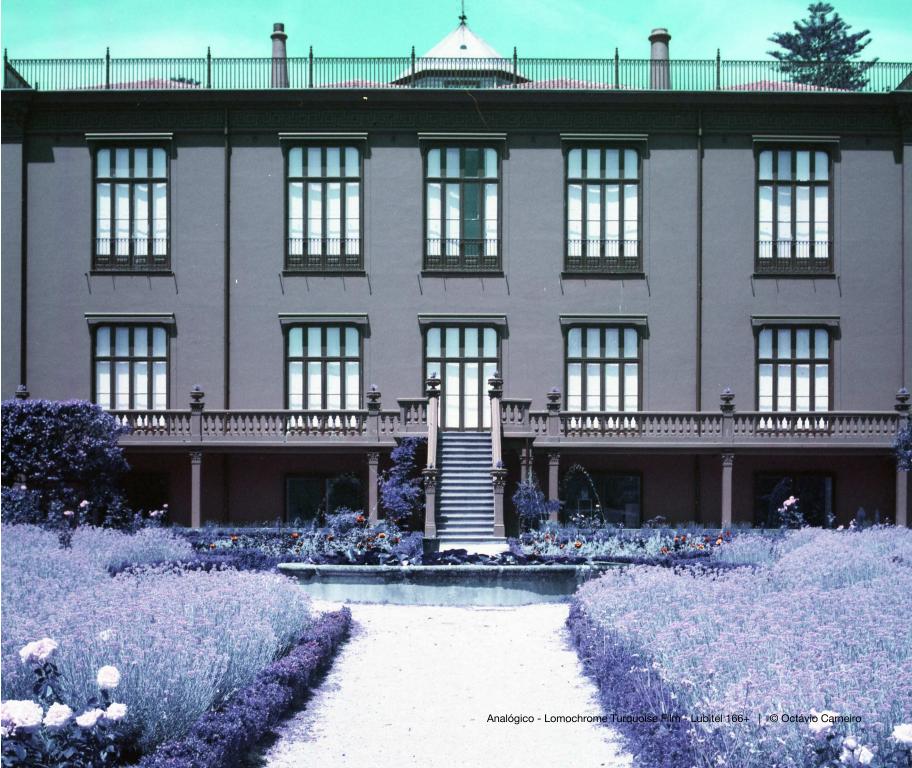










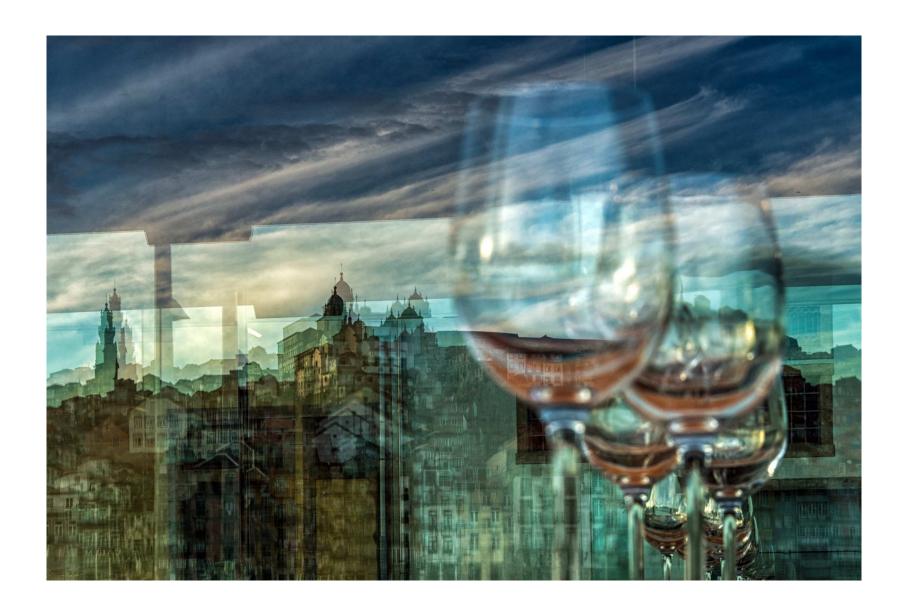
















































































© Isabel Costa Pinto (pag. esq e dta)



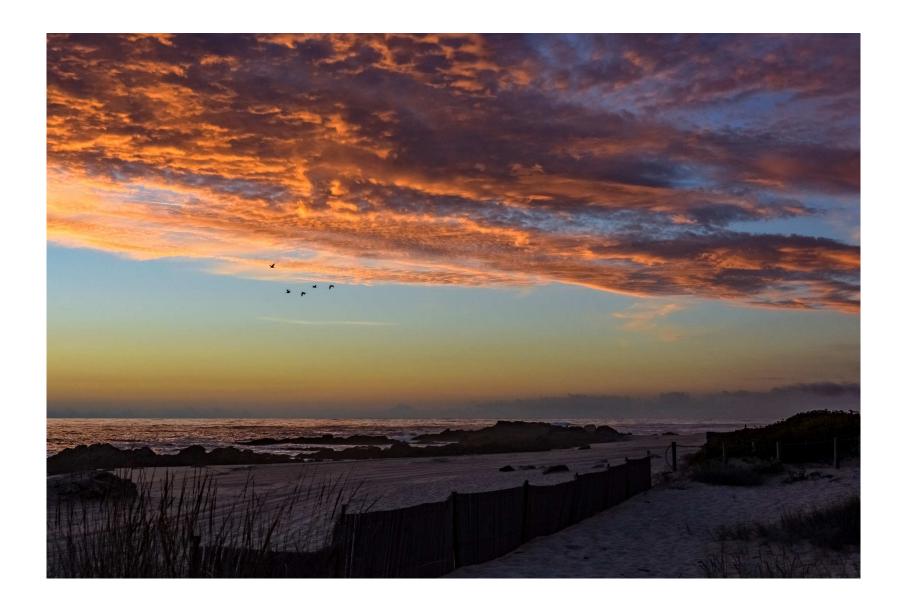








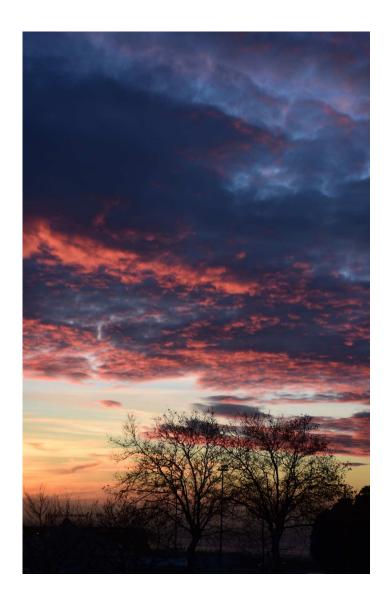








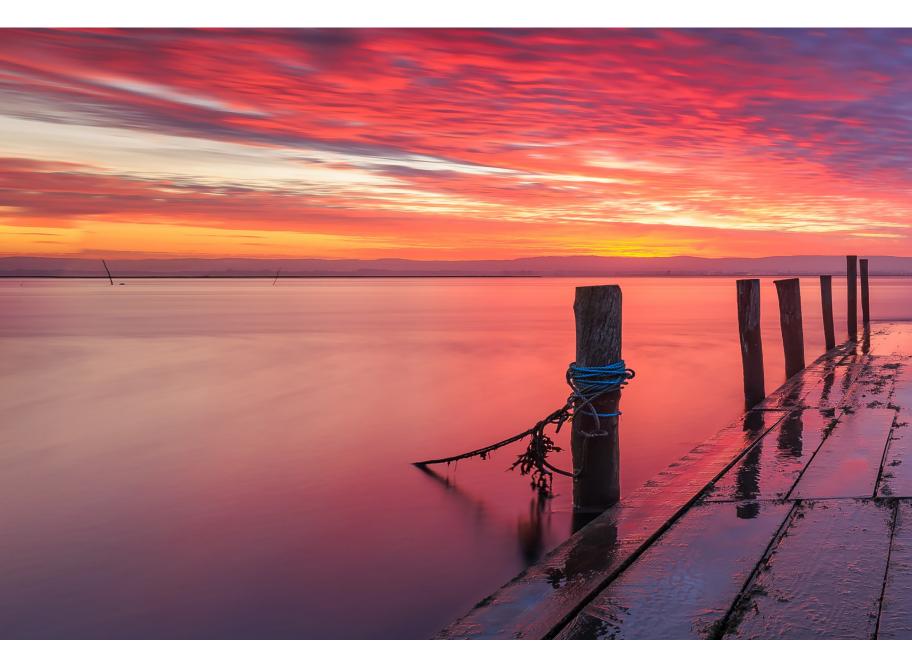


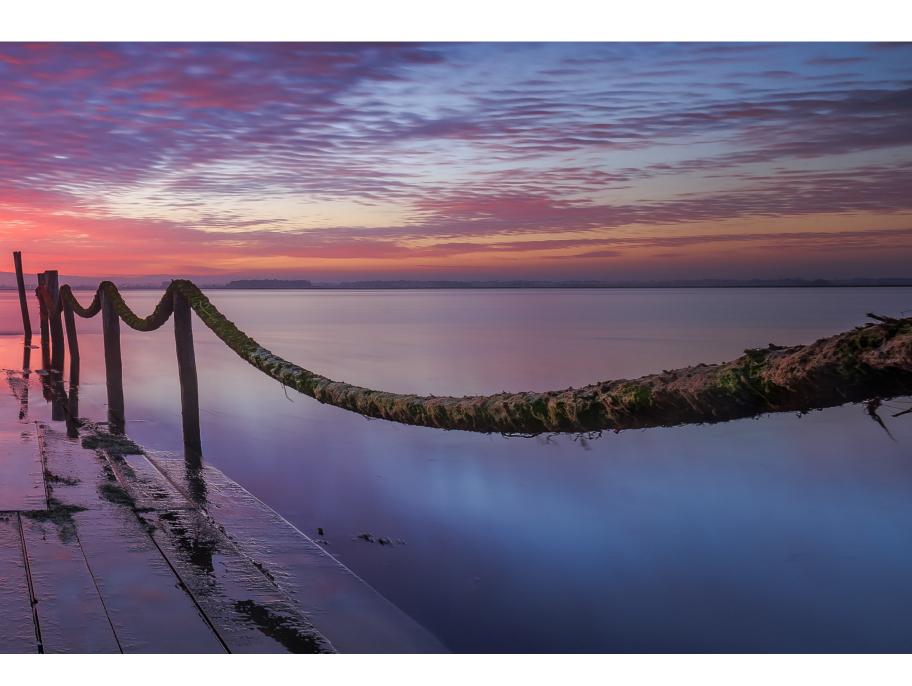








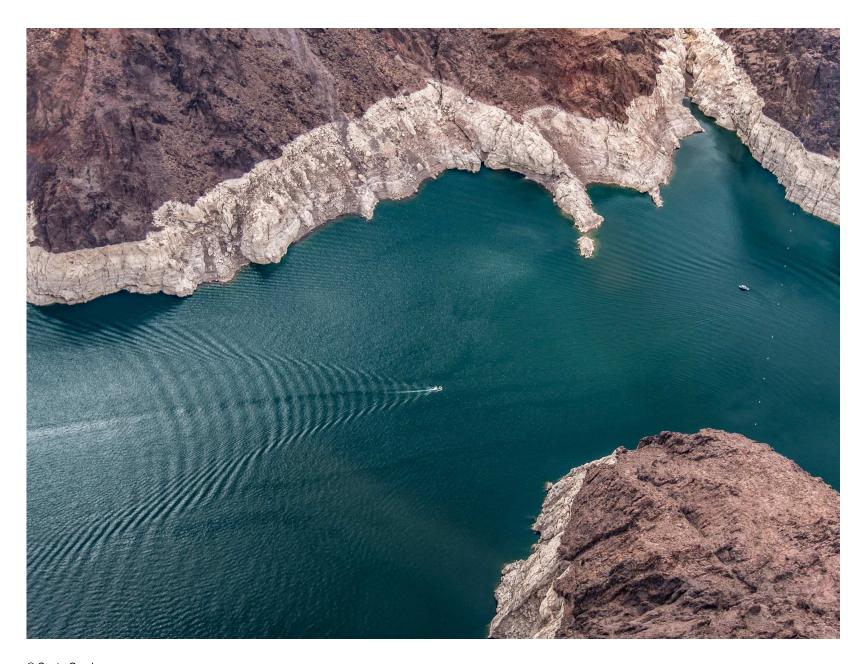










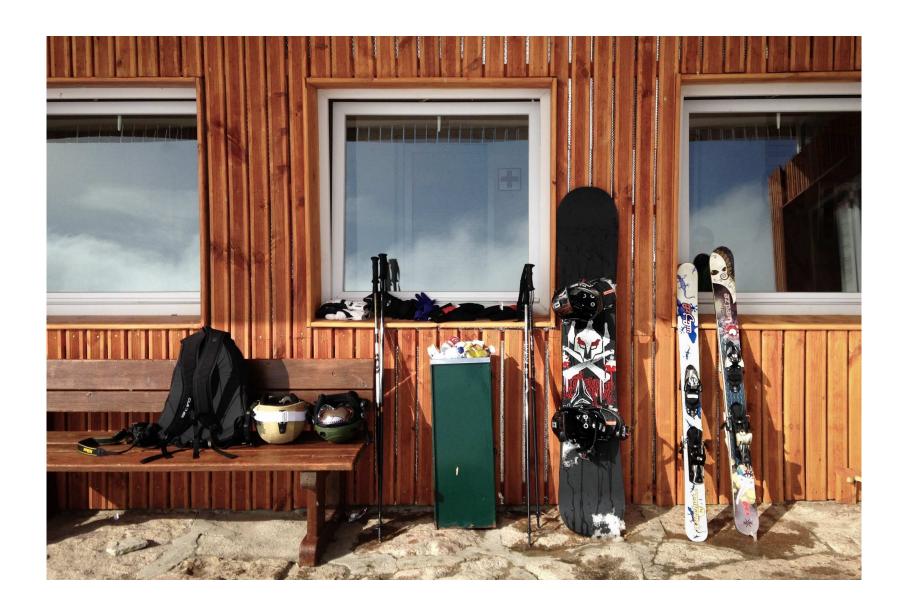




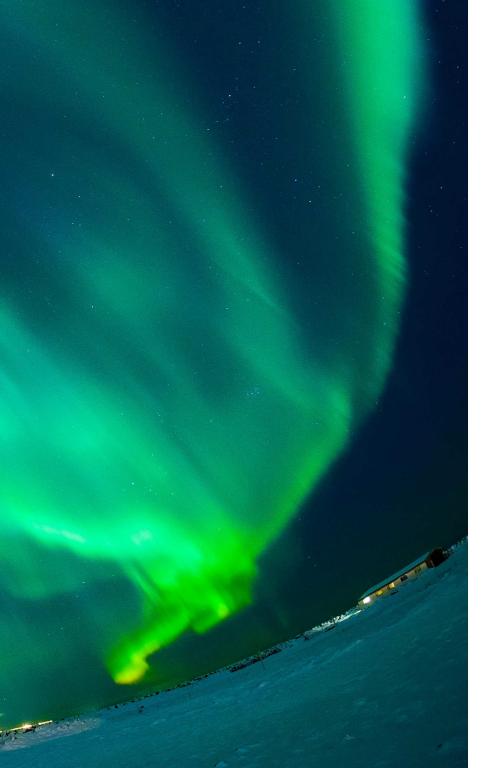




























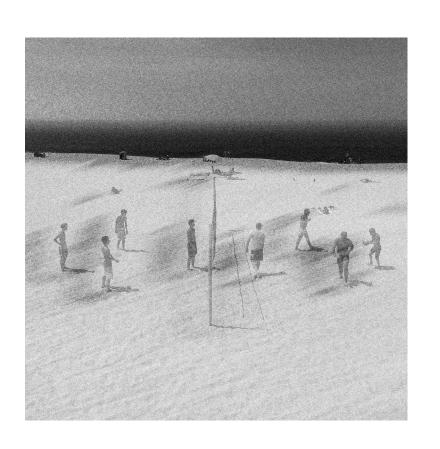




























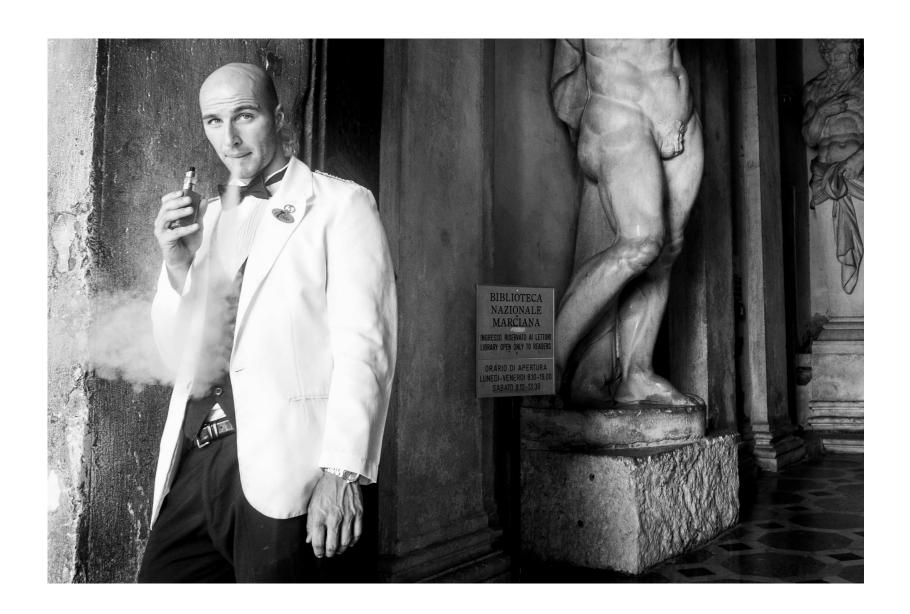




























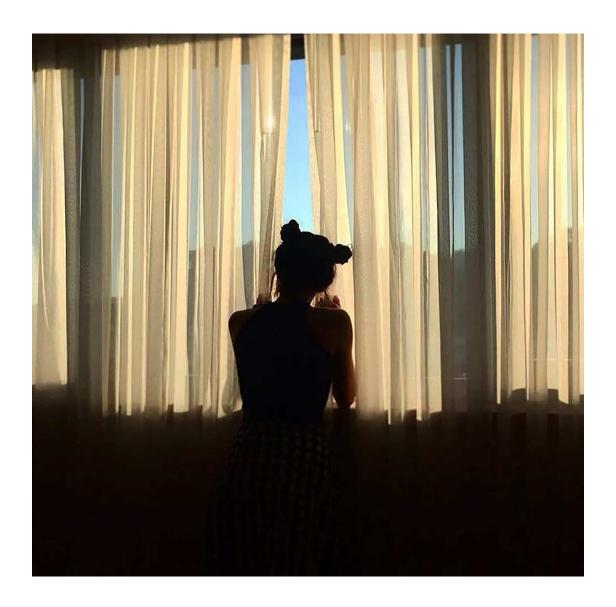












LUÍS RAPOSO

Formação em Belas-Artes Professor Fotógrafo

Nasceu em Coruche - Santarém, província do Ribatejo. Hoje com 64 anos.

Formou-se em Belas-Artes pela Universidade do Porto e é um homem do mundo. Viveu e trabalhou em diversos locais, dedicou-se a causas cívicas e políticas e a arte é parte integrante da sua existência. Pauta-se por ideias e conviçções, fugindo à vulgar atitude do pensamento fácil e cómodo.

Proveniente de uma família de artistas onde contam artesãos, pintores, escultores e fotógrafos, cresceu no meio dos utensílios, dos produtos químicos e principalmente na magia da câmara escura.

Começou a fotografar em 1969 e a sua primeira câmara reflex foi uma Petri FTII, oferecida pelo seu pai (que também fotografava).

Partilhou desde cedo a paixão pela fotografia com um grupo amigos e, todos juntos, conseguiram construir um laboratório onde puderam dar asas à sua criatividade.

Foi Professor de desenho e fotografia durante vários anos, exercendo em vários locais: Ribatejo, Trás-os-Montes, Estados Unidos da América e Arquipélago de Cabo Verde. Em part-time desenvolveu também alguns trabalhos como desenhador e artista gráfico. Salienta que a Fotografia é o elemento artístico que maior satisfação lhe transmite.

Tem preferência pela fotografia a Preto & Branco porque entende que a profusão de cores que por vezes nos rodeia nem sempre é harmónica e a sua formação académica em pintura e escultura permite-lhe identificar essa poluição cromática. No preto e branco os elementos perturbadores que podem danificar a essência de uma imagem encontram-se minimizados.

Em 2010 foi um dos fundadores do "Colectivo f4", galeria de arte situada na pitoresca Rua do Ferraz na zona da Ribeira do Porto. Localizada junto ao Instituto Português de Fotografia e primava pela originalidade da estética e pela qualidade das obras apresentadas. Das vezes que lá fui retenho a sensação de um conceito artístico muito simpático, com uma curadoria exigente mas aberta a novas ideias.



Realizou (e participou) em várias exposições coletivas e individuais e publicou três excelentes livros de fotografia editados pela Blurb (www.blurb.com):

"Scenarius", 2012: fotografia a cor em formato quadrado.

"Era uma vez no Porto", 2012 : talvez um dos mais belos livros sobre o Porto que vi até hoje.

"O Comboio já não passa aqui...", 2013: retrata a já extinta linha do Sabor no planalto transmontano; um livro de beleza extraordinária.

Em 2016 fundou no Facebook o grupo "Novos Primitivos – Fotografia Química". Neste grupo organizam-se passeios fotográficos em analógico, ações de formação em laboratório, sendo também um espaço de publicação e discussão de fotografia.

Atualmente vive na cidade de Vila Nova de Gaia e além da fotografia outras formas de expressão fazem parte do seu quotidiano: artes plásticas, teatro, ballet, música clássica e jazz.

Sente-se atraído pelo "fazer e o evoluir", referindo que as marcas positivas e negativas da vida nunca o deixam esquecer que todos os sítios são importantes, que todas as gentes são importantes.

Filipe Carneiro (Dezembro.2016)











Nº 5 - Edição Anual (em papel e online)

Revista online: www.issuu.com/pelikularevista

Mail: pelikularevista@yahoo.com

Comprar a revista em papel (a preço de custo): www.blurb.com